

**HISTÓRIA ORAL E PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO:  
experiências de campo, memória e ética na investigação da primeira escola de  
Mirassol D’oeste**

**ORAL HISTORY AND RESEARCH IN THE HISTORY OF EDUCATION:  
field experiences, memory, and ethics in the investigation of the first school in  
Mirassol D’oeste**

Luciana Soares da Silva Garcia<sup>1</sup>  
Jairo Luiz Fleck Falcão<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente artigo analisa a utilização da História Oral como metodologia de pesquisa no campo da História da Educação, a partir das experiências vivenciadas durante a realização de entrevistas no âmbito da dissertação intitulada *A primeira escola de Mirassol d’Oeste: histórias, memórias e práticas educativas no período da colonização recente (1963-1975)*, desenvolvida no contexto do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). O estudo teve como objetivo refletir sobre os desafios, as potencialidades e as implicações éticas do trabalho de campo em pesquisas que mobilizam memórias individuais e coletivas, enfatizando o papel da subjetividade, da escuta sensível e da relação entre pesquisador e entrevistados na construção do conhecimento histórico. Fundamentado teoricamente em autores como Thompson, Portelli, Alberti, Halbwachs e Bosi, o artigo evidencia que a História Oral ultrapassa a função de fonte complementar, constituindo-se como um método consistente de produção de conhecimento. Tal abordagem possibilita dar visibilidade às experiências dos sujeitos, valorizar narrativas frequentemente silenciadas e preservar patrimônios imateriais, contribuindo significativamente para a compreensão das práticas educativas, das trajetórias institucionais e da construção da identidade cultural de comunidades locais. Ao analisar a investigação sobre a primeira escola de Mirassol d’Oeste, o estudo reafirma a centralidade da ética e do rigor metodológico na condução das entrevistas, especialmente ao lidar com o campo sensível da memória. Destaca-se que a História Oral, ao articular memória, narrativa e interpretação, não apenas amplia as fontes da pesquisa histórica, mas também se consolida como elemento constitutivo do fazer historiográfico no campo da História da Educação, promovendo uma compreensão mais plural, crítica e humanizada dos processos educativos.

**Palavras-chave:** História Oral; História da Educação; Memória; Ética na pesquisa; Mirassol d’Oeste.

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Professora efetiva da Secretaria de Estado de Educação. E-mail: [luciana.soares@unemat.br](mailto:luciana.soares@unemat.br)

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Vale do Rio dos Sinos. Professor Adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: [jairofalcao@unemat.br](mailto:jairofalcao@unemat.br)

## ABSTRACT

This article analyzes the use of Oral History as a research methodology in the field of History of Education, based on experiences gained during interviews conducted within the scope of the dissertation entitled *The first school of Mirassol d'Oeste: histories, memories, and educational practices in the period of recent colonization (1963–1975)*, developed in the Graduate Program in Education (PPGEdu) at the State University of Mato Grosso (UNEMAT). The study aimed to reflect on the challenges, potentialities, and ethical implications of fieldwork in research that mobilizes individual and collective memories, emphasizing the role of subjectivity, attentive listening, and the relationship between researcher and interviewees in the construction of historical knowledge. Theoretically grounded in authors such as Thompson, Portelli, Alberti, Halbwachs, and Bosi, the article demonstrates that Oral History goes beyond the role of a complementary source, establishing itself as a consistent method of knowledge production. This approach makes it possible to give visibility to the experiences of subjects, value frequently silenced narratives, and preserve intangible heritage, significantly contributing to the understanding of educational practices, institutional trajectories, and the construction of the cultural identity of local communities. By analyzing the investigation of the first school in Mirassol d'Oeste, the study reaffirms the centrality of ethics and methodological rigor in conducting interviews, especially when dealing with the sensitive field of memory. It highlights that Oral History, by articulating memory, narrative, and interpretation, not only broadens the sources of historical research but also consolidates itself as a constitutive element of historiographical practice in the field of History of Education, promoting a more plural, critical, and humanized understanding of educational processes.

**Keywords:** Oral History; History of Education; Memory; Research Ethics; Mirassol d'Oeste.

## INTRODUÇÃO

A História Oral tem se afirmado, nas últimas décadas, como uma metodologia fundamental no campo da História da Educação, especialmente em investigações que buscam compreender os processos educativos a partir das experiências vividas, narradas e ressignificadas pelos sujeitos históricos. Ao deslocar o foco das fontes exclusivamente documentais para as memórias individuais e coletivas, essa abordagem tem possibilitado o acesso a práticas escolares, saberes docentes e trajetórias institucionais que, frequentemente, permanecem à margem das narrativas oficiais e dos registros escritos.

No contexto da História da Educação brasileira, a História Oral tem contribuído de maneira significativa para a ampliação dos objetos e das perspectivas de análise, sobretudo em estudos voltados às escolas rurais, às comunidades locais e aos processos de interiorização do ensino. Ao dar visibilidade às vozes de professores, alunos, gestores e membros da comunidade, essa metodologia permite problematizar a construção da

memória educacional e compreender a escola como um espaço social, cultural e simbólico, inserido em dinâmicas históricas mais amplas.

É nesse horizonte que se insere o presente artigo, que analisa criticamente as entrevistas realizadas no âmbito da dissertação intitulada: “A primeira escola de Mirassol d’Oeste: história, memórias e práticas educativas no período da colonização recente (1963-1975)”, desenvolvida no contexto do Mestrado em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). A investigação teve como objetivo central compreender a trajetória da Escola Benedito Cesário da Cruz, primeira instituição escolar do município de Mirassol d’Oeste (MT), a partir das narrativas de sujeitos que participaram direta ou indiretamente de sua constituição e funcionamento. Ao eleger a História Oral como eixo metodológico, a pesquisa privilegiou as memórias como fontes centrais de análise, reconhecendo seu caráter subjetivo, seletivo e socialmente construído.

Nessa perspectiva, a memória não é compreendida como um simples repositório de informações sobre o passado, mas como um processo ativo de produção de sentidos, atravessado por experiências individuais, vínculos afetivos e referências coletivas. O trabalho de campo revelou-se, assim, não apenas como uma etapa técnica da pesquisa, mas como um espaço de interação, escuta sensível e construção compartilhada do conhecimento histórico, no qual pesquisador e entrevistados se constituem mutuamente no processo narrativo.

A escrita do presente artigo parte de uma abordagem reflexiva sobre o fazer historiográfico, reconhecendo que a presença do pesquisador no campo interfere diretamente na produção das narrativas e na interpretação das fontes. Conforme aponta Alles Bello (2004), na perspectiva fenomenológica, o pesquisador encontra-se imerso no contexto histórico investigado, partilhando significados, emoções e interpretações que emergem da relação com os sujeitos e com o campo empírico. Desse modo, a pesquisa em História Oral exige uma postura de constante reflexão sobre as escolhas metodológicas, os limites da interpretação e as implicações éticas do trabalho com memórias vivas.

Ao articular experiência empírica, fundamentação teórica e reflexão metodológica, este artigo busca contribuir para o debate sobre os usos, os desafios e as potencialidades da História Oral na pesquisa em História da Educação. Além disso, propõe discutir as implicações éticas envolvidas na produção, interpretação e divulgação das narrativas orais, especialmente em contextos de comunidades locais, nas quais a memória assume papel central na preservação do patrimônio histórico e cultural.

Diante dessas considerações, o artigo orienta-se pela seguinte questão norteadora: quais são os desafios, as potencialidades e as implicações éticas do uso da História Oral na pesquisa em História da Educação, a partir da investigação da primeira escola de Mirassol d'Oeste?

## **HISTÓRIA ORAL, ÉTICA E RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR**

A dimensão ética constitui um dos pilares centrais da pesquisa em História Oral, especialmente em investigações que envolvem comunidades locais e sujeitos cujas trajetórias de vida se entrelaçam com a história do lugar investigado. Diferentemente de outras abordagens metodológicas, a História Oral estabelece uma relação direta e prolongada entre pesquisador e entrevistados, o que exige uma postura ética que ultrapassa o cumprimento formal de exigências institucionais, como a aprovação em Comitês de Ética em Pesquisa.

No contexto desta investigação, a ética foi compreendida como um princípio orientador de todo o percurso investigativo, desde a escolha dos colaboradores até a interpretação e divulgação das narrativas. Embora a pesquisa tenha sido submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com a assinatura do Termo de Autorização Livre e Esclarecido (TALE) por todos os participantes, reconhece-se que os desafios éticos da História Oral não se esgotam nesses procedimentos. Conforme destaca Alberti (2005), a ética na História Oral envolve uma relação de confiança, respeito e corresponsabilidade entre pesquisador e narradores, construída ao longo do trabalho de campo.

A realização das entrevistas exigiu atenção constante às expectativas, aos limites e às vulnerabilidades dos entrevistados. Em comunidades de pequeno porte, como Mirassol d'Oeste, as narrativas compartilhadas frequentemente dizem respeito a experiências coletivas, relações de parentesco e trajetórias amplamente conhecidas, o que demanda cuidado redobrado na exposição pública das falas. Nesse sentido, a possibilidade de interrupção da entrevista, a autorização para restrições no uso dos depoimentos e o respeito aos silêncios e recusas foram elementos fundamentais para assegurar a autonomia dos participantes.

Outro aspecto ético relevante refere-se ao caráter interpretativo das narrativas orais. Ao transcrever, analisar e inserir as falas em um texto acadêmico, o pesquisador realiza escolhas que influenciam diretamente os sentidos atribuídos às experiências narradas.

Como afirma Portelli (1998), a História Oral não consiste em reproduzir fielmente a fala do entrevistado, mas em interpretar narrativas produzidas em um contexto específico de interação. Tal processo exige do pesquisador o compromisso de não descontextualizar, instrumentalizar ou reduzir as narrativas a meros exemplos ilustrativos de uma argumentação previamente construída.

A responsabilidade ética do pesquisador também se manifesta na forma como as memórias são articuladas às fontes documentais e ao referencial teórico. Ao confrontar relatos orais com documentos escritos, não se busca hierarquizar as fontes ou deslegitimar as memórias, mas compreender suas especificidades, tensões e complementaridades. Nesse processo, erros factuais, contradições e lacunas presentes nas narrativas são analisados à luz de seus significados simbólicos e sociais, conforme propõe Portelli (1998), reconhecendo que a verdade histórica não se limita à precisão cronológica dos acontecimentos.

Além disso, a História Oral implica uma dimensão de devolução social da pesquisa. Ao compartilhar suas histórias, os entrevistados não apenas colaboram com a produção acadêmica, mas também depositam no pesquisador a expectativa de reconhecimento e valorização de suas experiências. Assim, a pesquisa assume um compromisso ético com a preservação da memória coletiva e com a socialização dos resultados de forma acessível e respeitosa, contribuindo para que a comunidade possa se reconhecer na história produzida.

No caso da investigação sobre a primeira escola de Mirassol d'Oeste, as entrevistas evidenciaram o desejo dos colaboradores de que suas memórias fossem registradas e preservadas, sobretudo diante da percepção de fragilidade do patrimônio histórico material local. Essa expectativa reforça a responsabilidade do pesquisador em tratar as narrativas como bens simbólicos, cuja divulgação deve ocorrer de maneira ética, evitando exposições indevidas ou interpretações que possam gerar constrangimentos aos sujeitos envolvidos.

Por fim, a ética na História Oral está intrinsecamente relacionada à postura reflexiva do pesquisador frente à sua própria atuação no campo. Reconhecer-se como sujeito implicado na pesquisa, cujas escolhas teóricas, metodológicas e interpretativas influenciam a produção do conhecimento histórico, constitui um exercício ético fundamental. Conforme aponta Thompson (1998), a História Oral demanda um compromisso com a democratização da história, no qual dar voz aos sujeitos implica também assumir a responsabilidade sobre como essa voz será escutada, interpretada e difundida.

Dessa forma, a ética, nesta pesquisa, não foi concebida como um conjunto de normas externas à investigação, mas como uma prática contínua de cuidado, respeito e responsabilidade com os sujeitos, as memórias e a história compartilhada. Tal compreensão reforça o papel da História Oral como uma metodologia comprometida não apenas com a produção do conhecimento científico, mas também com a valorização das experiências humanas e da memória social no campo da História da Educação.

## **FUNDAMENTOS DA HISTÓRIA ORAL**

No Brasil, a metodologia da História Oral chega em meados da década de 1970, quando é criado o Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), porém foi a partir da década de 1990 que o movimento cresceu bastante. Nesse momento, mesmo que de forma bastante tímida, começaram a surgir pesquisas utilizando a metodologia da História Oral.

A História Oral é um dos métodos que compõem o campo mais amplo da pesquisa qualitativa e tem se constituído como instrumento bastante relevante na área das ciências humanas, sendo utilizado na atualidade por psicólogos, sociólogos, antropólogos, historiadores e terapeutas ocupacionais (Silva; Barros, 2010).

A História Oral ganhou visibilidade acadêmica a partir dos estudos realizados na escola de sociologia de Chicago, nos anos 1920. Nos anos 1960, a História Oral tem seu nascimento na Inglaterra:

[...] historiadores, antropólogos e sociólogos, [...] abrem a história operária para uma 'nova história social', que abarca o estudo da vida cotidiana dos trabalhadores (família, mulheres, lazers, cultura), estendendo-se [...] aos estudos nacionais de História Oral (Trebitch, 1993, p. 28).

A História Oral britânica possui uma característica militante e politicamente engajada. Paul Thompson desenvolveu, em 1978, na obra *A Voz do Passado*, a ideia de que a função da História Oral é democratizar a própria história, um processo de devolvê-la ao povo.

Na acepção de método, tem o seu lugar como fonte principal da investigação e envolve um conjunto de entrevistas que funciona como amostragem significativa, expressiva, pela qual elementos essenciais do universo em análise devem estar presentes. Como método, configura-se, então, como o fundamento da pesquisa com procedimentos

claros. Para Thompson, as fontes orais, pelo valor que possuem não devem ser tratadas apenas como um documento a mais: “Se as fontes orais podem de fato transmitir informação ‘fidedigna’, tratá-las simplesmente ‘como um documento a mais’ é ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado” (Thompson, 1998, p. 137-138).

A História Oral, é um método de recolhimento das informações por meio de entrevistas com pessoas que vivenciaram fatos pertinentes ao assunto em pauta; sua credibilidade, enquanto dado, ela conseguiu se estabelecer em uma metodologia bem estruturada para a produção de dados a partir dos relatos orais.

Alberti afirma que:

[...] a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. (Alberti, 2005, p.155).

A memória faz referência à possibilidade de a nossa mente armazenar informações, tanto de experiências vividas quanto de conhecimentos obtidos ao longo do tempo, e de trazer essas informações à tona quando necessário.

Além disso, é uma forma de dar ouvidos a alguns personagens (pessoas ou instituições) que fizeram parte do nosso passado, da constituição da escola Benedito Cesário da Cruz e que se encontravam esquecidos; nossa intenção foi recuperar e armazenar o legado deixado por esses sujeitos a fim de que não sejam mais ignorados, pois são fontes históricas preponderantes. Consideramos tanto os fatos objetivos das memórias como as emoções, reações, alegrias, paixões, tristezas e tudo o que poderia ser possível, fazendo uma análise sobre esses aspectos e materiais.

A História Oral pode assumir diferentes formas, tendo como objetivo registrar experiências de uma pessoa, ou de diversas pessoas pertencentes a um grupo social, a uma mesma coletividade. O resultado final da entrevista é produto de quem narra e de quem pesquisa, como afirma Portelli:

Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca. Os dois sujeitos, interagindo, não podem agir juntos a menos que alguma espécie de mutualidade seja estabelecida. O pesquisador de campo, entretanto, tem um objetivo amparado em igualdade, como condição para uma comunicação menos distorcida e um conjunto de informações menos

tendenciosas. [...] a entrevista de campo, por conseguinte, não pode criar uma igualdade que não existe, mas ela pede por isto. (Portelli, 1998, p. 9-10).

De maneira coerente com essa posição teórica de Portelli, pode-se compreender que os papéis desempenhados por pesquisador/entrevistador e narrador/entrevistado são mais fluidos do que aparentam ser. Nesse sentido, tudo que se narra oralmente é história, pois “[...] o narrador é empurrado para dentro da narrativa e se torna parte da história” (Portelli, 1998, p. 38). Por isso, é uma forma diferente de fazer história, o que significa que a História Oral muda a forma de escrever a história.

A História Oral é tão antiga quanto a própria história, pois foi a primeira espécie de história. Pode oferecer meios para a transformação do sentido social da história, porque alarga seu campo de ação, fazendo história não só dos líderes da sociedade, mas daqueles que são desconhecidos, que não têm voz, que são postos à margem, enfim, dos excluídos. (Thompson, 1998).

Entretanto, as “Fontes orais são condição necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas [...]”. (Portelli, 1998, p. 37). Possui, pois, a História Oral, uma dimensão ampla, como considera Queiroz:

História oral é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação ou cuja documentação se quer completar. Colhida por entrevistas de variada forma, ela registra experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. Neste último caso, busca-se uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período de tempo (Queiroz, 1998, p. 19).

Referente à memória, para Almeida Neto (2011), ela se apresenta como uma representação que se sobrepõe às representações do período lembrado, e que a História Oral, por se apoiar na memória, apresenta-se como uma necessária e importante fonte para a recuperação dos aspectos do cotidiano escolar, para a investigação das práticas e representações dos sujeitos que rememoram.

Além disso, Philippe Joutard (2000) menciona que os arquivos escritos das escolas, mesmo sendo abundantes, são insuficientes para descrever e, sobretudo, se compreender uma realidade tão complexa quanto a história da educação, por isso precisam ser complementados por grandes pesquisas orais.

Nesse sentido, Dominique Julia sugere que problematizemos as fontes históricas escritas, pois o estudo de textos normativos deve sempre nos reenviar às práticas de ensino

e reconhece a contribuição que a História Oral pode dar neste sentido, na recuperação de aspectos do cotidiano escolar (Julia, 2001, p. 36).

Nas palavras de Peter Burke (2000, p.72), “mesmo os que trabalhavam com períodos anteriores têm alguma coisa a aprender com o movimento da história oral, pois precisam estar conscientes dos testemunhos e tradições embutidos em muitos registros históricos”. Ou seja, mesmo os documentos antigos carregam consigo vozes, memórias, alguém os escreveu por algum motivo. Por isso, a história oral é um instrumento de pesquisa importante, pois é um estudo que nos oferece uma lente crítica de pensar e interpretar o passado.

## **MEMÓRIA COMO FONTE HISTÓRICA**

O passado é uma constante na vida humana, e suas reminiscências influenciam não apenas o presente, mas também as projeções para o futuro. Barroncas (2012) afirma que cada cultura, indivíduo e sociedade estabelecem relações diversificadas de apropriação e uso do passado, a partir de diferentes fatores. Essas associações nem sempre são conscientes, voluntárias ou fruto de amplos debates.

A memória, segundo o autor, contribui para a construção de laços de identidade individual e coletiva. É por meio das recordações que se estabelecem conexões de familiaridade tanto no âmbito pessoal como no coletivo. Moreira (1994) acrescenta que a memória é a presença do passado, uma construção psíquica e intelectual que implica uma representação seletiva. Esta nunca é apenas individual, mas sempre relacionada ao contexto familiar, social e nacional.

No entanto, como observa Thompson (1997, p. 51), os historiadores orais, nos últimos anos, relutaram em aceitar o testemunho oral como a “pura e autêntica voz do passado”. Preferiram explorar os processos de afloramento das lembranças e “recompôr” as reminiscências registradas. As críticas apontavam para a falta de confiabilidade da memória como fonte histórica, devido à deterioração física, à nostalgia da idade avançada, às tendências pessoais do entrevistador e do entrevistado, bem como à influência das versões coletivas do passado.

Entretanto, no final da década de 1980, historiadores orais ingleses e australianos passaram a adotar novas abordagens sobre reminiscências e subjetividade. Nesse sentido, Paul Thompson (1989, *apud* Thompson, 1997, p. 54) destacou:

Nossos primeiros – e um tanto ingênuos – debates sobre metodologia e nosso entusiasmo pelos testemunhos sobre “como aconteceu realmente” amadureceram e se transformaram em uma compreensão compartilhada das questões básicas – tanto técnicas como humanas – relativas à nossa profissão; e, igualmente importante, proporcionaram uma avaliação muito mais sutil sobre como toda história de vida entrelaça de modo inseparável provas objetivas e subjetivas, cujos valores, embora diferentes, têm o mesmo peso.

Assim, historiadores orais de diferentes países vêm desenvolvendo métodos de entrevista e análises que permitem compreender melhor as reminiscências e a identidade, explorando novas formas de aproveitar as memórias para a pesquisa histórica e sociológica (Thompson, 1997).

Segundo Thompson (1997, p. 57), a memória “gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas”. Halbwachs (1945) já afirmava que toda memória é coletiva. Rousso (1998, p. 94-95) complementa:

[...] seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.

Oliveira (2009) reforça que toda memória social integra a memória coletiva. Como os grupos não são homogêneos, a memória coletiva está em constante redefinição. Nesse sentido, Catroga (2001, p. 15) distingue três níveis: a protomemória, de caráter passivo, relacionada ao *habitus* e às ações automáticas; a memória propriamente dita, que envolve recordação e reconhecimento; e a metamemória, ligada às representações que o indivíduo constrói de sua experiência. Essas categorias mostram como o sujeito e a coletividade constroem sua identidade e se distinguem dos outros.

Para Sá (2015), a história é uma prática científica, restrita a especialistas e regida por regras institucionais, enquanto a memória é uma prática social, vivida por todos os membros de uma sociedade. Pierre Nora (1993, p. 28) sintetiza:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Oliveira (2009) acrescenta que a memória é um caminho constante de aprendizagem, mediado por tempos plurais e vinculado à história. Nesse mesmo sentido,

Chartier (2009, p. 23) observa que “[...] o testemunho da memória é o fiador da existência de um passado que foi e não é mais”. Meihy (1998, p. 75) distingue memória social/coletiva da memória histórica, destacando que:

Memória social/coletiva, abrange imagens e recorrências frequentes nos discursos de uma coletividade (ou colônia), com uma comunidade de destino claramente definida. Memória histórica é o conjunto de fontes materiais que se organizam como forma de indicação de alternativas analíticas que ainda não compuseram versões da história. As fontes sempre são a base da história, portanto a memória é a base da história.

Nesse contexto, Arruda (2000) lembra que a memória não é apenas um conjunto de lembranças, mas também um processo de disputa pelo que deve ou não ser guardado. Ele aponta dois sentidos para as relações entre história e memória: um positivo, no qual a produção dos historiadores enriquece as representações coletivas; e outro negativo, no qual pode destruir memórias, atacando princípios e símbolos fundamentais.

Peter Burke (2000, *apud* Moreira, 1994) lembra que a visão tradicional atribuía ao historiador a função de guardião da memória dos acontecimentos públicos, registrando-os para a posteridade e para o exemplo das gerações futuras. No entanto, essa relação tornou-se mais complexa: tanto a história quanto a memória deixaram de ser vistas como atividades neutras. A seleção, consciente ou inconsciente, a interpretação e até a distorção passaram a ser consideradas parte do processo.

Nesse sentido, Burke (2000, p. 73) observa: “As memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade”. Le Goff (1994, p. 477) conclui que: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens”.

O autor alerta, portanto, que a memória coletiva deve ser libertadora e instrumento de emancipação. Quando manipulada, torna-se opressora, sustentando ideologias autoritárias de dominação.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

A pesquisa adotou a História Oral como principal procedimento metodológico, articulada a uma abordagem epistemológica fenomenológica. Essa escolha fundamenta-se

na compreensão de que toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, sendo a fonte oral particularmente potente por permitir o aprofundamento nas camadas da memória (Thompson, 1992).

As entrevistas foram realizadas com sujeitos que participaram direta ou indiretamente da história da Escola Benedito Cesário da Cruz e do processo de formação do município de Mirassol d'Oeste. Utilizou-se o método do “sistema de rede”, característico da História Oral, no qual um entrevistado indica outros possíveis colaboradores, ampliando o alcance e a diversidade das narrativas.

Todos os procedimentos éticos foram rigorosamente respeitados. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), e os participantes assinaram o Termo de Autorização Livre e Esclarecido (TALE), autorizando o uso de suas falas, imagens e sons. Ressalta-se que os entrevistados tiveram plena liberdade para interromper a entrevista ou restringir a divulgação de seus depoimentos a qualquer momento.

A transcrição das entrevistas buscou preservar a fidelidade das falas, mantendo características da linguagem oral, conforme orientam Alberti (2004) e Falcão (2009), de modo a não comprometer os sentidos atribuídos pelos narradores às suas experiências.

## **EXPERIÊNCIAS DE CAMPO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS**

O trabalho de campo constituiu-se como uma das etapas mais significativas da pesquisa, não apenas pela coleta de dados empíricos, mas, sobretudo, pela dimensão relacional, afetiva e interpretativa que envolveu a realização das entrevistas. No âmbito da História Oral, o campo não se restringe a um espaço físico ou a um momento pontual da investigação, mas configura-se como um processo contínuo de interação entre pesquisador e colaboradores, no qual se produzem sentidos, memórias e narrativas compartilhadas.

As entrevistas realizadas no contexto da investigação sobre a Escola Benedito Cesário da Cruz evidenciaram a potência da História Oral para a compreensão da história da educação local, ao possibilitar o acesso a experiências educativas, práticas escolares e trajetórias de vida que não se encontram registradas nos documentos oficiais. Ao narrar suas lembranças, os entrevistados não apenas relataram acontecimentos do passado, mas atribuíram significados a esses eventos, mobilizando afetos, valores e percepções construídas ao longo de suas vidas.

Nesse sentido, as narrativas revelaram um forte sentimento de pertencimento à escola e à comunidade de Mirassol d'Oeste, demonstrando que a instituição escolar extrapolava sua função pedagógica, constituindo-se como um espaço central de sociabilidade, encontro e construção identitária. As memórias evocadas frequentemente associavam a escola a momentos de convivência coletiva, festividades, esforços comunitários e desafios enfrentados no contexto de uma realidade marcada por precariedades estruturais e ausência de apoio estatal.

Ao longo do trabalho de campo, tornou-se evidente que a memória opera de forma seletiva, sendo atravessada por esquecimentos, silêncios e reorganizações narrativas. Conforme aponta Portelli (1998), tais elementos não devem ser compreendidos como falhas ou limitações das fontes orais, mas como aspectos constitutivos da própria memória, reveladores dos sentidos que os sujeitos atribuem às suas experiências. Assim, os silêncios observados durante as entrevistas, as pausas prolongadas e as emoções manifestadas pelos entrevistados foram considerados dados analíticos relevantes, contribuindo para uma compreensão mais profunda da história narrada.

Um aspecto recorrente nas entrevistas foi a referência à perda de objetos e registros materiais relacionados à história da escola e do município, como o desaparecimento do cruzeiro histórico erguido na primeira missa local e a inexistência de acervos escolares preservados. Essas narrativas evidenciam fragilidades nos processos de preservação do patrimônio histórico material, ao mesmo tempo em que ressaltam o papel da memória como patrimônio imaterial. Mesmo diante da ausência física dos objetos, as lembranças compartilhadas pelos entrevistados mantêm viva a história da escola e da comunidade, reafirmando a importância da História Oral na salvaguarda de saberes e experiências que correm o risco de desaparecer.

A interação entre pesquisador e entrevistados revelou-se elemento central na produção das narrativas. A entrevista, compreendida como um encontro dialógico, foi permeada por momentos de informalidade, conversas paralelas, risos, silêncios e convivência cotidiana, que ultrapassaram o roteiro previamente elaborado. Tais momentos contribuíram para o fortalecimento do vínculo de confiança e possibilitaram que os entrevistados se sentissem à vontade para narrar suas experiências de forma mais espontânea e aprofundada. Como afirma Portelli (1998), o narrador é parte constitutiva da história que conta, assim como o pesquisador, que, ao escutar, questionar e interpretar, também se insere no processo narrativo.

Nesse contexto, o papel do pesquisador não se limitou à escuta passiva, mas envolveu uma postura ética e reflexiva diante das narrativas compartilhadas. A presença do pesquisador no campo influenciou diretamente a forma como as memórias foram evocadas e organizadas, exigindo constante atenção às relações de poder, às expectativas dos entrevistados e às responsabilidades inerentes ao uso público dessas narrativas. Conforme destaca Thompson (1998), a História Oral implica uma negociação permanente entre memória, narrativa e interpretação, na qual o pesquisador assume a responsabilidade de contextualizar, problematizar e respeitar as vozes que lhe são confiadas.

As entrevistas configuraram-se, portanto, como espaços de troca e construção coletiva do conhecimento histórico, nos quais a escuta sensível e o reconhecimento da legitimidade das experiências dos sujeitos foram fundamentais. Ao narrar suas histórias, os entrevistados não apenas contribuíram para a pesquisa acadêmica, mas também revisitaram suas próprias trajetórias, resignificando vivências e reafirmando sua participação na história da educação local. Esse processo evidenciou o potencial transformador da História Oral, tanto para a produção do conhecimento quanto para os próprios sujeitos envolvidos na pesquisa.

Dessa forma, o trabalho de campo demonstrou que a História Oral vai além da simples coleta de depoimentos, constituindo-se como um processo relacional, ético e interpretativo, no qual memória, experiência e história se entrelaçam. As narrativas produzidas a partir das entrevistas permitiram compreender a Escola Benedito Cesário da Cruz não apenas como uma instituição escolar, mas como um espaço simbólico de construção de identidades, saberes e pertencimentos, reafirmando a relevância da História Oral para a pesquisa em História da Educação e para a valorização das memórias de comunidades locais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A utilização da História Oral na pesquisa sobre a primeira escola de Mirassol d'Oeste evidenciou a relevância das memórias individuais e coletivas como fontes centrais para a compreensão da história da educação local. As entrevistas realizadas possibilitaram o resgate de práticas educativas, trajetórias institucionais e experiências de vida que dificilmente seriam acessadas por meio de fontes documentais tradicionais, ampliando as possibilidades de análise histórica e de interpretação do passado educacional do município.

O trabalho de campo demonstrou que a História Oral vai além da coleta de dados empíricos, constituindo-se como um processo relacional, no qual pesquisador e entrevistados produzem conjuntamente sentidos sobre a história narrada. A escuta atenta, o respeito às experiências dos sujeitos e o reconhecimento da subjetividade presente nas narrativas mostraram-se elementos fundamentais para a construção de um conhecimento histórico sensível às dimensões humanas, sociais e culturais que atravessam as práticas educativas.

As reflexões metodológicas e éticas desenvolvidas ao longo do artigo evidenciaram que a ética na História Oral não se restringe ao cumprimento de exigências institucionais, mas configura-se como uma prática contínua de responsabilidade, cuidado e corresponsabilidade com os sujeitos e suas memórias. Em contextos de comunidades locais, como Mirassol d'Oeste, essa postura ética torna-se ainda mais relevante, uma vez que as narrativas orais assumem papel central na preservação do patrimônio imaterial e na valorização das identidades coletivas.

Além disso, a pesquisa revelou a fragilidade dos processos de preservação do patrimônio histórico material local, reforçando a importância da memória como forma de resistência ao esquecimento e como instrumento de salvaguarda da história educacional. Nesse sentido, a História Oral mostrou-se um recurso fundamental para registrar, preservar e socializar experiências que, sem esse esforço, correm o risco de desaparecer com o tempo.

Por fim, o estudo reafirma a História Oral como uma metodologia potente no campo da História da Educação, capaz de democratizar a produção do conhecimento histórico, dar visibilidade aos sujeitos historicamente silenciados e contribuir para que as gerações futuras possam reconhecer, valorizar e ressignificar sua própria história. Ao articular teoria, metodologia, experiência de campo e reflexão ética, o artigo busca contribuir para o fortalecimento de práticas investigativas comprometidas não apenas com o rigor científico, mas também com a valorização da memória social e das experiências educativas vividas.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões: entre a história e a memória**. São Paulo: EDUSC, 2000.
- BARRONCAS, Ramon. A memória, o esquecimento e o compromisso do historiador. **Em Tempos de História**, Brasília, ago./dez. 2012.
- BELLO, Angela Ales. **Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião**. Tradução e organização de Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru: EDUSC, 2004.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo, EDUSP, 1987, v. 1.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BURKE, Peter. História como memória social. *In: Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000, p. 67-89.
- CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- FALCÃO, Jairo Luiz Fleck. **Cooperação, experiência e sobrevivência: a história dos trabalhadores do porto de Porto Alegre (1961 – 1989)**. Tese de doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, RS, 2009.
- HALBWACHS, M. **Memorie di Terrasanta**. Trad. de Marta Cardini. Veneza: Ed. Arsenale, 1988. Tradução de: La topographie légendaire des Evangiles en Terre Sainte.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JOUTARD, Phillipe. Desafios à história oral no século XXI. *In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. (org.) História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.
- LAKATOS, Eva Maria. **O trabalho temporário: nova forma de relações sociais no trabalho**. São Paulo: Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1979. 2 v. (Tese de Livre-Docência.) Sociologia geral. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1981.

LE GOFF, Jacques. Memória. *In: História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1994, p. 423-484.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1998.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, dez. 1993.

OLIVEIRA, Carlos Edinei de. **Migração e Escolarização**: história de instituições escolares de Tangará da Serra Mato Grosso – Brasil (1964-1976). Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação. Uberlândia – MG, 2009.

PEREIRA, Tereza Dias. **História de Mirassol D'Oeste**: formação e organização do município, 1962-2019. 2. ed. [S.l.]: Gráfica Tigre, 2019.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Projeto história**, n. 14, p. 7-39, fev. 1997.

SÁ, Celso Pereira de. Entre História e a Memória, o Estudo Psicossocial das Memórias Históricas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 156, p. 260-274, abr./jun. 2015.

SILVA, Valéria Pagotto da; BARROS, Denise Dias. Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 68–73, 2010.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2009.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VIDAL, Diana Gonçalves. De Heródoto ao gravador: Histórias da História Oral. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura do Centro de Memória**. Unicamp. n. 1, p. 77, 1990.